

PRECARIEDADE DA VIDA E DO TRABALHO A PARTIR DAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DOS CATADORES DA ASCAJAN – JANGURUSSU, FORTALEZA – CE

Rochelle Pinho Campêlo
Teresa Helena Gomes Soares

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as trajetórias de vida e as condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis da Associação dos Catadores do Jangurussu (ASCAJAN). Foi realizada ampla pesquisa bibliográfica, com utilização de dados primários e secundários. Houve identificação do perfil socioeconômico dos catadores da ASCAJAN e a análise das suas condições de trabalho, através da realização de entrevistas semi-estruturadas. A partir da pesquisa constatamos que, os catadores pesquisados em sua maioria são oriundos dos lixões, a catação foi a primeira forma de trabalho e a principal maneira de garantir a sobrevivência. Dentre os principais resultados da pesquisa, destacamos os dados relativos ao perfil socioeconômico dos catadores da ASCAJAN - renda mensal abaixo de 01 salário mínimo, baixa escolaridade e precárias condições de trabalho – bem como os avanços e recuos oriundos dessa forma de organização. Seus principais anseios estão voltados à melhoria das condições de trabalho e renda, além da garantia de direitos previdenciários.

Palavras chaves: Catação de materiais recicláveis, catadores e trabalho.

ABSTRACT

This article aims to analyze the life trajectory of recyclable material collectors from the Association of Collectors of Jangurussu (ASCAJAN), from their experience in the work of collection; The socioeconomic profile of ASCAJAN scavengers was prepared, analysis of the scavengers' working conditions reflecting on the reality of this category. Based on the research, we can see that, most of the waste pickers surveyed come from landfills, picking was the way they found to survive in the face of unemployment. Among the results of the research, it was identified that ASCAJAN waste pickers are organized in association, have an income below the minimum wage, low education, have the desire to have a higher income, retire and live in a more dignified way. We also concluded that it is essential to value and respect the work of recyclable material collectors, civil society and the State.

Keywords: Collecting garbage, collectors, work.

1. INTRODUÇÃO

Desde o ano de 1857 se tem notícia da atividade de catação, segundo Juncá (2001), um poema chamado “O vinho dos trapaceiros” de Charles Baudelaire, já fazia referência à atividade. Portanto, os catadores de materiais recicláveis não são novos sujeitos no mundo da reciclagem. Os catadores são, em sua maioria, pessoas

excluídas do trabalho formal, desempregados que fazem parte do grande exército industrial de reserva, conforme Marx (apud ANTUNES, 1999).

De acordo com o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), foi a partir da década 1960 que as primeiras experiências de catação de materiais recicláveis surgiram no Brasil. A partir de 2011 com o nascimento do movimento nacional na esfera pública, intensifica-se a luta pelo reconhecimento enquanto categoria ocupacional no mundo do trabalho.

Embora tenha se constituído como atividade naquele momento, somente a partir das últimas décadas do século XX, entre os anos de 1970 e 1990 é que se amplia o número de catadores no Brasil, estando atualmente constituído como categoria profissional, incluídos na classificação brasileira de ocupações (CBO) e também como movimento social. O MNCR se institucionalizou durante o Primeiro

Encontro Nacional de Catadores de Papel, realizado em Belo Horizonte (MG), em novembro de 1999, com o apoio do Fórum Nacional de Estudos sobre População de Rua. Importante lembrar que o surgimento dos catadores de materiais recicláveis está vinculado ao contexto capitalista de produção, a partir de fenômenos como o crescimento do desemprego, a informalidade e a precarização do trabalho.

A inserção destes aos direitos sociais tem sido realizada através da legislação de saneamento ambiental e da Lei de Resíduos Sólidos - nº 12.305/10. Um dos princípios da referida lei é a integração dos catadores nas ações que envolvam a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos.

A estimativa do MNCR é que existam cerca de 800 mil catadores e catadoras em atividade no país, a maior parte dos catadores são do gênero feminino, cerca de 70% da categoria. Pesquisas apontam que os catadores são responsáveis pela coleta de 90% de tudo que é reciclado no Brasil. Estimativas do MNCR e do Departamento de Economia da Universidade Federal da Bahia –GERI, 2006, indicam que existe entre 300 mil e 1 milhão de pessoas sobrevivendo da coleta de materiais recicláveis.

Em Fortaleza, a estimativa é de que existam cerca de 8 mil catadores na capital cearense, segundo pesquisa realizada pelo IMPARH, em 2006. Com o crescimento populacional e a ampliação da produção de resíduos, esse número, nos dias de hoje, tende a ser bem maior. Os catadores organizados em Fortaleza estão distribuídos em 17 associações, algumas já formalizadas e outras em processo de formalização, os quais fazem parte da Rede Cearense de Catadores do Estado do Ceará, que conta em média com 360 associados, e possui representação no Movimento Nacional dos

Catadores de Materiais Recicláveis. Outro dado importante é o valor da renda mensal dos catadores de materiais recicláveis. A maioria dos catadores associados apresenta renda entre R\$ 500,00 a R\$ 700,00 mensal e apenas três associações possui membros cuja renda chegue a um salário mínimo. Podemos perceber também que a localização das associações e grupos informais está, em sua maioria, na periferia de Fortaleza.

O objetivo desse artigo é analisar as trajetórias de vida e as condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis da Associação dos Catadores do Jangurussu (ASCAJAN). A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa por levar em consideração as questões particulares, significados, motivos, aspirações, crenças e valores. Foi realizada pesquisa bibliográfica e documentais. Houve identificação do perfil socioeconômico dos catadores da ASCAJAN e a análise das suas condições de trabalho, através da realização de entrevistas semiestruturadas.

Está organizado em seções articuladas. A primeira seção trata sobre os catadores de materiais recicláveis e a precarização do trabalho. A segunda seção discorre sobre o ciclo de reciclagem, os tipos de catação e as formas de exploração do trabalho dos catadores. A terceira seção trata as trajetórias de vida dos catadores de materiais recicláveis do jangurussu e as relações de trabalho precárias. Por fim, a conclusão aponta reflexões que poderão contribuir para a ampliação do debate acerca da temática proposta.

2. OS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL E O TRABALHO PRECÁRIO

Segundo Gonçalves (2005), os catadores de materiais recicláveis desenvolvem seu trabalho articulando rotinas, riscos, experiências, criação de laços, regras, saberes, prazer e até mesmo sofrimentos. Possuem trajetórias de vida singulares, são parte fundamental na cadeia de reciclagem de lixo do país e que encontram, a partir da catação, ainda que seja um trabalho precarizado, uma forma de sobreviverem e serem incluídos como sujeitos na sociedade mesmo que excluídos do acesso a direitos sociais básicos.

Compreendemos a categoria trabalho a partir de Marx (2002), entendendo que trabalho é a relação homem e natureza, para a produção de objetos que venham a suprir a necessidade do homem para a sobrevivência.

Outro autor que nos ajuda a compreender as relações de trabalho na sociedade

atual é Antunes (2001), o qual percebe o mundo como múltipla processualidade, ou seja, ao mesmo tempo em que se observa uma desproletarização do trabalho nas indústrias, em países de capitalismo avançado e também nos países de Terceiro Mundo que possuem áreas industrializadas, também ocorre uma diminuição da classe trabalhadora industrial, simultânea ao crescimento do número de trabalhadores assalariados, bem como do número de mulheres inseridas nesse mercado de trabalho.

Com todas essas mudanças do capitalismo contemporâneo, surge o que o referido autor denomina de subproletariado, com o aumento do trabalho parcial, temporário, terceirizado e o desemprego estrutural, que atinge os trabalhadores de todo o mundo. Todas as mudanças oriundas da reestruturação produtiva e dos avanços das tecnologias industriais acirraram ainda mais os problemas no mundo do trabalho, o mercado passou a exigir novas demandas de qualificações profissionais, gerando, assim, excedentes de força de trabalho; os trabalhadores que não conseguiram se adequar a essas novas demandas foram excluídos do mundo do trabalho formal.

Aqueles excluídos do mercado formal do trabalho e empenhados na luta pela sobrevivência a qualquer custo se submetem a toda forma de exploração do trabalho ou venda da sua força de trabalho, como é o caso dos catadores de materiais recicláveis, os quais, em sua maioria também não possuem as qualificações atualmente exigidas pelo mercado.

Sendo assim os catadores estão inseridos nas duas formas de precarização, tanto na precarização do tipo de trabalho exercido, pois a atividade da catação é precária em todos os sentidos, como em relação aos processos de trabalho na atualidade, e no caso dos catadores, existem outros agravantes como a exploração pelos atravessadores e das grandes indústrias de reciclagem.

Diante das reflexões sobre as precárias condições de trabalho dos catadores, cabe-nos questionar: de onde vem esse material que os catadores catam e utilizam como forma de sobrevivência? A partir da lógica capitalista, é preciso consumir cada vez mais para manter-se na vida moderna. Vivemos atualmente na sociedade do descartável, cada vez mais se produz para atender aos anseios de um apelo diário pelo consumo, essa é forma voraz do capitalismo e se reproduz. É desse “lixo”, ou seja, do consumo e descarte desenfreado que os catadores encontram resíduos sólidos e os comercializam para sobreviverem.

2.1 - O ciclo de reciclagem, os tipos de catação e as formas de exploração do trabalho dos catadores

O ciclo de reciclagem tem início com a fabricação, consumo e descarte do produto pelos indivíduos. Desse descarte, o lixo que tem como destino final três opções, a depender de qual modo o município trata os materiais descartados, a saber: por meio dos lixões, das usinas ou dos aterros sanitários. Nessa parte do ciclo entram os catadores, que costumam coletar nos lixões, nas ruas e em galpões de reciclagem. Os catadores após catarem e separarem o material coletado vendem para o que chamamos de deposeiros ou atravessadores, para empresas que utilizam material reciclável como matéria-prima, ou para as usinas de reciclagem. Os deposeiros ou atravessadores são os donos de depósitos de material reciclável. Eles compram o material das associações de catadores a baixo custo e revendem esse material para as grandes empresas de reciclagem ou empresas que reutilizam material reciclável para produção de novas matérias-primas, a um preço mais elevado. Estes possuem carrinhos de coleta de material reciclável que são alugados ou emprestados para os catadores. Tal fato faz com que os catadores de rua fiquem atrelados a eles, na medida em que acabam sendo obrigados a venderem o material coletado ao longo do dia ou da noite. Esta transação costuma ser marcada pela venda, a preços baixíssimos, para os atravessadores.

Observa-se uma nítida exploração, nesse ciclo do trabalho dos catadores em favor do lucro para os atravessadores. Nesse sentido, as relações construídas na sociedade capitalista não possuem a menor consideração com a saúde ou vida do trabalhador e se apropria da força de trabalho que, nesse caso, são os catadores de materiais recicláveis.

A atividade de catação corresponde à atividade principal do circuito econômico e social da reciclagem de resíduos sólidos. Os catadores são responsáveis por cerca de 90% de toda a matéria-prima oriunda de resíduos sólidos recicláveis que abastecem as indústrias desse setor, de acordo com dados do MNCR (2005). Nesse cenário, contudo, os catadores são os que menos se beneficiam da parte final desse processo, mesmo eles compondo um importante papel na contribuição para a gestão dos resíduos sólidos nas cidades, contribuindo para a sustentabilidade urbana, realizando um importante serviço ambiental.

O trabalho da catação pode ser realizado de diversas maneiras, nas ruas, onde os catadores catam puxando carrinhos e realizando a coleta do material a partir dos lixos nas calçadas, e também da coleta seletiva que algumas pessoas fazem

em suas casas e adotam um catador para a entrega dos resíduos sólidos.

Nos lixões, onde os catadores trabalham em situação altamente precária e insalubre, a atividade é marcada pelo fato de que eles precisam revirar o material em busca de algo passível de venda. Os lixões normalmente estão localizados distantes dos centros urbanos, dificultando ainda o trabalho e a vida dos catadores. Assim, acabam montando seus barracos no entorno dos lixões para facilitar o acesso a atividade, assim como também a proximidade da família, que na maioria das vezes os filhos acompanham os pais nessa jornada por não terem com quem ficar e assim começam a serem incluídos na atividade de catação desde crianças. Nos lixões os catadores estão em permanente contato com todo tipo de material ali presente, a exemplo de lixo hospitalar, ratos, urubuse chorume.

Para Marx, existe a alienação em relação ao produto, chamada de “alienação da coisa”, essa alienação é um estranhamento diante do que o trabalhador produziu. Ele produz, mas não se reconhece no produto final da matéria prima. O objeto do trabalhador encontra-se “... fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele, que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica.” (Marx, 2003, p.112). No trabalho dos catadores, eles se tornam alienados do produto final, quando eles vendem a matéria prima que são os resíduos sólidos, pois nem ao menos sabem o que será feito com o material vendido.

No sistema capitalista os trabalhadores produzem com seu trabalho a riqueza social, que não é igualmente distribuída. Os donos dos meios de produção ficam com a maior parte da riqueza, os trabalhadores vendem sua força de trabalho em troca de salários. Apesar dos catadores não estarem dentro do mercado formal de trabalho, eles vendem sua força de trabalho para os donos dos meios de produção, quando exercem a atividade de catação e vendem o material coletado para as empresas de reciclagem com baixos custos. Os donos dos meios de produção é que ficam com a riqueza produzida, pois reutilizam o material que e vendem com preços mais altos.

Os galpões de reciclagem, por sua vez, tanto por meio de associações como pelas cooperativas, são os locais onde os catadores organizados recebem material reciclável originário das coletas seletivas realizadas por empresas, escolas, departamentos públicos, shoppings, condomínios. Os catadores recebem o material e fazem a devida separação, organização e preparação para a venda. Em geral, os galpões possuem equipamentos adequados para esse trabalho, como prensa e balança, mas nem sempre conseguem garantir todos os equipamentos de proteção

individual necessários.

3 - AS TRAJETÓRIAS DE VIDA DOS CATADORES DE MATERIAIS DE RECICLÁVEIS DO JANGURUSSU E AS RELAÇÕES DE TRABALHO PRECÁRIAS

Através da vivência do trabalho na Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza, conheci os sujeitos desta pesquisa, os catadores da Associação dos catadores do Jangurussu (ASCAJAN), que fica localizada à Rua Estrada do Itaperi, no bairro Jangurussu, no município de Fortaleza. No ano de 2014 foi realizado um levantamento dos cadastros disponibilizados pela Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza, dos catadores associados, traçando assim um perfil geral dos catadores da associação; depois foi realizada entrevista com três catadores escolhidos do total dos associados da ASCAJAN. O critério de escolha dos entrevistados se deu pelo tempo de catação, idade e sexo, contemplando os gêneros masculino e feminino.

Falar da trajetória de vida desses catadores de materiais recicláveis é revelar a história de muitos brasileiros que deixam suas casas, e parte da família, para ir atrás de empregos e oportunidades, ou seja, de vida nova nas grandes capitais e regiões metropolitanas. Os catadores entrevistados foram inseridos no trabalho da catação ainda crianças, a maioria por meio de seus pais. Todos destacam as dificuldades que passaram em suas trajetórias de vida. O Catador³ relata que,

“Eu nunca fui criança, eu nunca fui para escola, eu sempre tive que trabalhar. Cheguei aqui com meus sete anos de idade, meu pai deixou minha mãe, se separou dela deixando nós tudo pra trás. E eu tive que me virar muito cedo pra não passar fome e não morrer, por isso comecei a catar o que comer nos lixão.

Quando os catadores de materiais recicláveis trabalhavam nos outros lixões, fora do Jangurussu, ainda não se reconheciam como categoria, não eram organizados e muito menos reconhecidos pelo Estado e sociedade. A Catadora 2 passou por dois lixões no município de Fortaleza durante sua infância até chegar no lixão do Jangurussu na sua juventude. Trazida e inserida pelos pais no trabalho da catação, desde cedo foi explorada, não tendo nenhum direito de escolha. A mesma relata que os sofrimentos foram muitos, desde a exploração sexual à violência física e moral. Durante a entrevista, falou-nos várias vezes que não gosta nem de lembrar tamanho sofrimento, pois brigava com os urubus por comida. “A gente catava no meio dos

bichos, dos ratos... Quando chovia, era pior ainda, pois ficava tudo cheio de lama e nós tinha que trabalhar assim mesmo, com os bichos subindo na gente.”, relatou. Por várias vezes, ensaiava falar mais detalhes, mas voltava atrás e repetia “quero esquecer essa vida”.

Na cidade de Fortaleza, o primeiro lixão foi chamado João Lopes, localizado no bairro Monte Castelo. Funcionou durante quatro anos na década de 1960. Logo após, surgiu o lixão da Barra do Ceará, ainda nos anos 60. Nessa época, ocorreu um maior fluxo migratório de pessoas do interior para a capital, aumentando, assim, a taxa de desemprego e também o volume de resíduos sólidos. Em 1967, segundo relata a Catadora 2, o lixão foi transferido para o bairro do Henrique Jorge e funcionou até o ano de 1978, quando foi transferido para o Jangurussu. Gonçalves (2005, p.93) nos traz a realidade dos catadores de materiais recicláveis que vivem nos lixões.

Esses catadores coletam material reciclável expostos a sol ou chuva, determinam seu próprio ritmo de trabalho e o seu posicionamento físico. Convivem com o mau cheiro dos gases que exalam do lixo acumulado, com a fumaça intensa produzida pela combustão dos gases, com os urubus e moscas em grande quantidade, estando ainda a mercê do risco de contrair várias doenças, se acidentarem e se contaminarem.

O lixão do Jangurussu funcionou durante vinte anos e foi desativado em julho de 1998. Segundo o Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos de Fortaleza PMGIRS (2010), o processo de desativação foi lento e gradual, pressionado pelo Ministério Público. Foram construídos, através do Projeto Sanear, financiados pelo Banco Mundial, três aterros sanitários na Região Metropolitana de Fortaleza, nos municípios de Caucaia, Maracanaú e Aquiraz. Juntamente com esses aterros, o Complexo do Jangurussu foi transformado em Unidade de Triagem de Resíduos, Estação de Transbordo e Centro de Tratamento de Resíduos Perigosos.

A Catadora 2 relatou, com alguns detalhes, a história do lixão no Jangurussu. Falou que, na chegada ao lixão no ano de 1978, cerca de 80 catadores começaram a catação e ali mesmo foram construindo suas moradias. Relata que foi bem difícil, pois o poder público queria impedir a entrada dos catadores no lixão, mas que foi em vão, pois, os catadores resistiram e logo depois aumentaram consideravelmente em número. Em 1997, os catadores passaram a fazer seu trabalho dentro de condições menos insalubres, na Usina de Triagem, que iniciou sua operação com 40 catadores do lixão.

Nas falas dos catadores, é possível observar diferenças entre o trabalho de catação exercido no lixão e na usina de triagem. Os mesmos afirmam existir pontos positivos e negativos em ambos. O trabalho no lixão é mais precário, com maior exposição ao sol, odores fortes, à violência, aos riscos de contaminação de doenças, mas também se consideram mais livres, trabalhavam o dia e a hora que queriam e ganhavam mais, pois o ganho era individual e de acordo com o tipo e o volume de material coletado.

De acordo com os relatos atuais e da época, percebemos que ainda existem vários problemas relacionados ao trabalho de catação e à baixa renda dos catadores de materiais recicláveis.

Os catadores de materiais recicláveis do Jangurussu estão inseridos na classe de trabalhadores informais. Apesar de inseridos na Classificação Brasileira de Ocupação - CBO como profissionais que catam, selecionam e vendem seus materiais, estão longe de serem efetivamente tratados como as demais categorias profissionais. Os catadores, além de trabalharem em situações precárias, não são contemplados pela previdência social e não têm acesso aos direitos trabalhistas. Assim, estão mais próximos do campo das estratégias de sobrevivência, do trabalho precarizado, do subemprego e da informalidade.

Uma das questões levantadas pelos catadores entrevistados foi a impressão deles sobre o trabalho da catação, ou seja, qual o significado dessa atividade para eles. A Catadora 2 nos diz que é “um meio de sobreviver, um trabalho digno e uma maneira de proteger o meio ambiente. Tanto é digno como a gente protege o meio ambiente, e é como a gente sobrevive da renda, né?!” A Catadora 1 nos revela em sua fala que sente orgulho de ser catadora e que a atividade de catação é um trabalho digno e honesto.

O catador é honesto, a gente trabalha pra sobreviver. Eu defendo o catador em todo canto que eu chegar. A catação é um trabalho honesto. A gente aqui cata pra comprar comida e o que a gente precisa... Aqui ninguém é ladrão, todos aqui trabalham para ter o seu sustento.

O Catador 3 fala que, no início, a catação era uma forma de sobrevivência. Por ser analfabeto, ele não tinha outra escolha, mas hoje tem orgulho de ser catador. A catação hoje é minha vida, eu tenho orgulho de ser honesto. Nós ganha pouco, mas o trabalho da catação é muito valioso, pois a gente ajuda a preservar o meio ambiente. Eu fico só pensando no futuro dos nossos filhos, essas águas tudo suja como é que vai ser o futuro? E o catador já ajuda nisso aí. Nós somos trabalhador, honesto e merecemos ser mais valorizado.

Percebemos que os catadores de materiais recicláveis sentem orgulho do que fazem, considerando a catação um trabalho honesto e de grande valor para a sociedade e a preservação da natureza, apesar de toda a condição precária que permeia esta atividade, revelando toda a contradição própria da humanidade.

3.1 - As formas de organização dos catadores do Jangurussu, seus avanços e desafios

Os catadores do Jangurussu são catadores organizados coletiva e politicamente. Fizeram parte do primeiro grupo de Fortaleza a se organizar e criar uma associação. Esses catadores são uma referência para a maioria dos grupos que ainda permanecem na informalidade. Por ocasião da entrevista, foi perguntado a eles como era trabalhar em grupo, as dificuldades e o que poderiam melhorar.

Os catadores organizados se tornam mais fortalecidos para encarar o mercado de resíduos sólidos. Quando organizados, conseguem minimamente produzir formas de resistência frente aos atravessadores e, assim, aumentam seus rendimentos e a possibilidade de independência. A organização e formação de grupos de catadores relevam avanços e desafios.

Em relação às dificuldades enfrentadas pelos catadores por trabalhar em grupo, eles nos disseram que a maior dificuldade é mesmo a renda, *“Trabalhando em grupo a gente ganha menos, pois tudo aqui é dividido por todos, se fosse só a gente individualmente, a gente ganhava mais, sabe?”* (Catador 3). Outra dificuldade são as relações cotidianas, por trabalharem juntos o dia inteiro, acaba havendo desentendimentos difíceis de serem contornados. *“Aqui é assim, nós somos diferentes um do outro e, por isso, a gente acaba, às vezes, discutindo, mas nós somos irmão, somos amigos e logo depois a gente fica bem e faz as pazes”*. (Catador 2).

O Catador 3 ratificou o que foi dito pela “companheira de trabalho”, afirmando que a renda é a maior dificuldade de se trabalhar em grupo, pois além de ser baixa, eles ainda precisam pagar a alimentação.

Minha fia, aqui o almoço é descontado em folha e a merenda a gente tem que pagar também. Aí o que é pouco não fica quase nada, mas agente precisa ficar em pé, pois saco vazio não fica de pé. O restante é mais fácil a gente resolver, não digo nem que é dificuldade, pois viver com pouco é que é dificuldade.

Quando perguntados se gostam do que fazem, os catadores entrevistados afirmaram que sim, que tem orgulho do que fazem e que foi através da catação que eles conseguiram sobreviver desde criança. Seguem as falas que corroboram com essa afirmação:

Adoro o que faço, até porque é uma profissão que eu tenho desde 7 anos e na idade que eu me encontro eu não consigo mais outra coisa pra fazer. O que eu sei fazer tá tendo valor agora e é bom pra mim e pra todo catador que tá nessa atividade. (Catador 2)

Eu gosto, essa é minha profissão. Eu não sei fazer outra coisa, eu não sei costurar, sei fazer nada, foi isso que aprendi com meus pais e é som isso que eu sobrevivo até hoje. Já passei tempos piores, no tempo do lixão, hoje estamos bem melhor e o catador já é reconhecido como gente, reconhecido pelo que faz. (Catador 3)

A partir do que os catadores relatam nas falas percebemos um misto de sentimentos, pois, ao mesmo tempo em que expressam ter orgulho, afirmam também que não tiveram outra profissão e que a catação foi a única forma de sobreviver, por isso precisam valorizar. Os desejos dos catadores entrevistados relatados aqui estão todos ligados à melhoria das condições de trabalho, garantia de direitos e benefícios.

Com todos esses relatos de vida, percebemos que os catadores de materiais recicláveis do Jangurussu, vivem em situação precária, passam e continuam vivendo com muitas dificuldades. A renda não é suficiente para viver dignamente e a maior parcela dos catadores revelou ter entrado no mundo da catação em busca de sobrevivência.

Conclui-se então, que estes homens e mulheres se reinventam diariamente, tendo que “se virar” diante das dificuldades impostas. LESSA (2000) faz algumas reflexões sobre isso e destaca a “criatividade” do povo para não sucumbir às dificuldades, “*Vire-se! Transmute-se num virador!*” O problema é que quem sabe se virar é o povo, pois sempre teve que fazê-lo.” (p. 69.)

4 – CONCLUSÃO

Esta pesquisa trouxe algumas reflexões sobre as trajetórias de vida dos catadores de materiais recicláveis do Jangurussu, oportunizando ao leitor apreender as várias dimensões que seus percursos de vida e de trabalho comportam. Diante das falas dos sujeitos foi possível perceber que o trabalho precário consiste em um dos maiores desafios enfrentados por eles.

Os catadores em sua maioria são oriundos dos lixões, estes vêm percorrendo as mudanças dos lixões na cidade de Fortaleza, alguns desde a Barra do Ceará até a chegada ao Jangurussu. O lixão teve um significado na vida dos catadores entrevistados, pois foi nele que os mesmos estiveram desde a infância até a vida adulta, foi a partir do lixão que criaram suas formas de sobrevivência, apesar das dificuldades enfrentadas. O lixão do Jangurussu teve uma representatividade ainda maior, pois funcionou por mais tempo, eles foram os primeiros moradores do bairro e foi a partir daí que se deu a organização da associação ASCAJAN. O lixão do Jangurussu funcionou durante 20 anos e chegou a comportar por volta de 1.500 catadores, segundo Gonçalves (2006).

Os catadores da ASCAJAN ainda possuem um baixo nível de escolaridade e isso nos mostra que há um déficit em relação à educação da população mais carente, as justificativas dadas pelos catadores por não terem frequentado a escola foi a inserção no trabalho da catação desde a infância, tendo que ajudar aos pais a incrementar a renda para a sobrevivência da família.

A renda individual dos catadores de materiais recicláveis do Jangurussu, não alcança um salário mínimo, o que dificulta ainda mais a vida dos mesmos. Isso revela o alto grau de exploração desses trabalhadores que realizam as atividades mais pesadas e insalubres dentro do ciclo da reciclagem e são os que menos se beneficiam com os rendimentos finais.

Foi realizada uma visita pelo Ministério Público para analisar a atual situação que se encontra o galpão utilizado pelos catadores da Ascajan pós pandemia. De acordo com o relato da visita, a ASCAJAN encontra-se sem acesso à água e energia, possui diversas goteiras no telhado, parte do muro externo desabou, o entorno da estrutura está tomado pelo mato, e o refeitório está sem condições de uso, devido à ocorrência de recorrentes furtos no local. A questão da insegurança foi outro aspecto destacado pelos associados. Os trabalhadores continuam utilizando o espaço, mesmo que precarizado, para realização da coleta seletiva e triagem dos materiais recicláveis. A promotora de Justiça destacou que o termo de cessão e uso do imóvel nº 01/2022 deixa explícito que constituem atribuição da Secretaria de Conservação e Serviços Públicos realizar o acompanhamento da Associação no que concerne ao seu funcionamento técnico, administrativo, e de comercialização, bem como, realizar o pagamento das despesas de energia, água e esgoto relativos ao bem cedido, dentre outras atribuições.

Apesar de todas as questões de precariedades levantadas ao longo deste trabalho, os catadores de materiais recicláveis consideram que a catação é um meio de sobrevivência, um trabalho digno e uma maneira de proteger o meio ambiente. Alguns falam ter orgulho da profissão que possuem.

A partir da organização em associações, os catadores conseguem reconhecer a importância do trabalho exercido por eles. Unindo forças com outros grupos organizados a partir da rede de catadores e do MNCR, eles lutam pela garantia de direitos sociais, valorização da categoria, inserção na coleta seletiva e pela possibilidade de aumentar a renda.

Os desejos e sonhos dos catadores entrevistados estão relacionados à melhoria das condições de trabalho e à garantia de direitos sociais. Um dos desejos comuns aos três catadores entrevistados é o da aposentadoria. Assim, concluímos que a precariedade do trabalho é aviltante, uma vez que os catadores não possuem nenhuma garantia de direitos trabalhistas ou previdenciários. Portanto, o que eles almejam é viver de forma mais digna e com uma renda que possibilite uma velhice mais tranquila.

A catação de material reciclável foi a maneira pela qual os catadores encontraram para sobreviver, diante da condição de desemprego, primeiramente de seus pais e em seguida, deles mesmos, provocando miséria e impossibilidade de acesso à educação formal. De acordo com Cunha (2002), a responsabilidade social pelo desemprego, na sociedade capitalista, é atribuída ao trabalhador que deve buscar suas próprias “soluções”.

Dentre os principais resultados desta pesquisa, destacamos a necessidade de valorização do trabalho dos catadores, os quais merecem mais respeito por parte da sociedade e do Estado para viabilizar melhores condições de trabalho e acesso aos direitos sociais necessários. Por fim, reivindicamos a efetiva aplicabilidade da Lei 12.305 de 2010, que regulamenta a Política Nacional de Resíduos Sólidos e inclui os catadores na coleta seletiva, bem como a defesa da garantia dos direitos trabalhistas e previdenciários dessa categoria profissional.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo. Ed. Boitempo, 1999.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** São Paulo. Ed. UNICAMP, 2007.

BORCHARDT, Juliano, obra resumida - **O Capital.** Tradução de Ronaldo Alves Schmidt. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1969.

BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, que institui a **Política Nacional de Resíduos Sólidos**; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/4283/politica_residuos_solidos.pdf. Acesso em: out. 2020

DURÃES, Bruno José Rodrigues, Trabalho Informal, Sofrimento e alienação no século XXI: o trabalho nas ruas de Salvador. 2004

Diagnóstico dos Resíduos Sólidos Urbanos: Relatório de Pesquisa, IPEA, Brasília 2012.

GONÇALVES, M. A. **O trabalho no lixo: Presidente Prudente, 2006.** Tese de doutorado em Geografia pela Faculdade de Ciências de Tecnologia da Universidade Estadual Paulista – Unesp.

GONÇALVES, Raquel de Souza. **Catadores de materiais recicláveis: trabalhadores fundamentais na cadeia de reciclagem do país.** In: Serviço Social & Sociedade. no.82, ano XXVI, julho, 2005.

GONÇALVES, Rúbia Cristina Martins. **Ocupações urbanas: alternativa de moradia.** Fortaleza, 2001. Monografia (graduação em Serviço Social), Universidade Estadual do Ceará - UECE.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico.** IBGE: Rio de Janeiro, 2002. 397 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico.** IBGE: Rio de Janeiro, 2010. 219 p.

Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos –IMPARH da Prefeitura Municipal de Fortaleza – Ano 2006.

JUNCA, D. M. C. **“Vida de Cata-dor: outras palavras sobre o lixo”.** In **CEAS.** Salvador, n. 193, maio/junho de 2001.

LESSA, S. **Trabalho e trabalho abstrato, trabalhador e proletário.** Maceió, [mime] 2005. (Material não publicado).

LESSA, S. **Serviço Social e trabalho: do que se trata?** Temporalis, Brasília, ano 1, n.2, p.35-58, jul./dez. 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.
Cartilha de formação. São Paulo, 2005.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.
Disponível em: http://www.mncr.org.br/box_1/estruturas-regionais. Acessado em: Nov, 2022.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.
Disponível em: <http://www.mncr.org.br/biblioteca/publicacoes/livros-guias-e-manuais/guia-catador-legal>. Acessado em janeiro 2021

SILVA, S. R. & GONÇALVES, M. A. **O trabalho no lixo: o caso da associação dos trabalhadores catadores de resíduos sólidos recicláveis do município de Nova Andradina- MS.** In: XII Encontro de Geógrafos da América Latina. Disponível em <http://egal2009.easyplanners.info>. Montevideo, 2009. Acesso em: Out 2014.

SINGER, Paul. **As grandes questões do trabalho no Brasil e a economia solidária.** In: PROPOSTA, Rio de Janeiro: Fase, no. 97, jun/ago, 2003.

_____. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas.** 3ed. São Paulo: Contexto, 1999.

<http://www.mpce.mp.br/2023/04/mpce-constata-condicoes-precarias-na-associacao-dos-catadores-do-jangurussu-e-cobra-solucao-da-prefeitura-de-fortaleza/>, acessado em 20/06/2023.